A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA EVOLUÇÃO INTELECTUAL DA CRIANÇA

THAMIRIS BEZERRA GUIMARÃES DAMASCENO

RESUMO

As linguagens são indispensáveis nas relações afetivas e sociais que a criança estabelece ao longo de sua vida. No ambiente familiar, os pais, ao combinarem essas formas de comunicação, contribuem para o desenvolvimento emocional da criança, criando um espaço de confiança e segurança. Um contexto afetivo e estimulante favorece habilidades como linguagem, memória e pensamento lógico. Na escola, as interações entre professores e alunos, assim como entre os colegas, são mediadas por essas linguagens, promovendo um aprendizado que vai além do conteúdo acadêmico, englobando também a formação de habilidades sociais e emocionais. Com a aprendizagem cooperativa e o suporte emocional docente ajudam a fortalecer a motivação e a confiança dos estudantes. Além da comunicação verbal, a linguagem não verbal – gestos, expressões faciais e contato visual – também contribui para a construção dos vínculos afetivos e para o desenvolvimento da inteligência emocional. O brincar e as interações sociais são fundamentais para o crescimento intelectual e a construção do pensamento abstrato. O desenvolvimento infantil é um processo multifacetado, no qual a afetividade desempenha papel essencial para o progresso intelectual. As interações afetuosas com familiares, professores e colegas influenciam diretamente a autoestima, a segurança emocional e a motivação para aprender. Vygotsky (1998) e Wallon (2007) destacam que o afeto está interligado à cognição e ao aprendizado, sendo um fator determinante na relação entre professor e aluno. Dessa forma, a integração dessas linguagens nos diferentes contextos sociais reforça a importância de uma comunicação afetiva e consciente, que sustenta o desenvolvimento pleno da criança, preparando-a para os desafios da vida em sociedade.

Palavras-chave: Linguagens; Relações Afetivas; Ambiente Familiar; Ambiente Escolar; Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil é um processo complexo e multifacetado, que envolve o crescimento físico, emocional, social e cognitivo. Entre os diversos fatores que influenciam esse processo, a afetividade tem se destacado como um elemento essencial para o progresso intelectual dos infantis.

Podendo ser entendida como o conjunto de emoções, sentimentos e vínculos que são estabelecidos no convívio diário, principalmente nas interações com figuras significativas, como pais, professores e colegas. As primeiras experiências afetuosas, desde a infância, desempenham um papel fundamental na construção da autoestima, da segurança emocional e da motivação para aprender.

De acordo com Vygotsky (1998):

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno. (p. 42)

A relação afetiva para o público infantil, tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escolar, pode facilitar ou dificultar a aquisição de habilidades cognitiva e sociais. Isto podemos ver através das pesquisas nas áreas da psicologia e da educação, demonstrado que quanto elas se sentem acolhidas e seguras emocionalmente, apresentam maior facilidade para se concentrar, resolver problemas e desenvolver pensamentos críticos. O vínculo está diretamente relacionado à disposição para explorar o mundo à sua volta, o que estimula sua curiosidade e consequentemente favorece o aprendizado. Além disso, está conectada à neurociência, que aponta como as emoções e os sentimentos influenciam o funcionamento cerebral e a capacidade de armazenar e processar informações. Emoções positivas, como a alegria e a segurança, ativam áreas cerebrais ligadas

à memória e à atenção, enquanto emoções negativas, como medo e ansiedade, podem bloquear o raciocínio e prejudicar o desempenho. Assim, o ambiente em que a criança está inserida pode ser considerado um fator determinante para a forma como ela vai ser estimulada, valorizada, retratada, para que no fim possa haver a aprendizagem de forma profunda e igualitária.

Com Amorim e Navarro (2012) relatam que:

Pois, quando a criança nasce, precisa de alguém que cuide dela e a ensine, pois ela é um ser que merece atenção, carinho, respeito, afeto e muito amor, para que consiga desenvolver seus traços de personalidade de forma integral, como um ser social do bem. Por isso, a Educação Infantil é considerada parte integrante da educação básica, por ser responsável pela oferta dos primeiros caminhos de formação e socialização da criança fora do círculo familiar, tornando-se a base da aprendizagem. (p. 2-3)

Compreender a relevância dessas relações para o desenvolvimento intelectual dos mais jovens exige uma análise que vai além das práticas pedagógicas, envolvendo um olhar atento para o bem-estar emocional e social do aluno. Assim, é possível promover uma educação que não apenas ensine conteúdos, mas que também acolha e motive os estudantes a aprenderem de maneira mais plena e significativa.

A qualidade nas interações emocionais estabelecidas com as pessoas ao redor, a presença ou ausência, pode exercer impactos significativos na forma como os infantis processam as informações, reagem aos estímulos e enfrentam os desafios.

Podendo ser visto com destaque por Mello e Rubio (2013):

Muitos autores vêm, ao longo da história, defendendo que o afeto é indispensável para o ato de ensinar. Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois pode-se afirmar que estão diretamente relacionados com a qualidade das interações e relações entre sujeitos, enquanto experiências vivenciadas (p. 6)

Nesse contexto, a afetividade não se limita às emoções internas do indivíduo, mas emerge das interações sociais em que a criança está inserida. O tom de voz, a entonação, o uso de determinadas palavras e expressões carregam um conteúdo emocional que é essencial para a formação de vínculos afetivos.

A criança, ao observar e participar dessas interações, começa a compreender que as palavras podem ser expressas de diversas maneiras, sendo utilizada para exemplificar os sentimentos, receber cuidados e estabelecer laços.

Esse processo de internalização é progressivo e fundamental para o desenvolvimento emocional e social da criança. Portanto, não apenas permite a comunicação objetiva, mas também são influenciadas por fatores culturais e contextuais que moldam a maneira como a afetividade é expressa e percebida.

Em diferentes culturas, o uso da linguagem para expressar afeto pode variar substancialmente, desde expressões mais diretas até formas mais sutis e implícitas de 2 demonstração de cuidado e proximidade.

Ao interagir com esses diferentes contextos linguísticos e culturais, aprende a navegar pelas nuances presentes nas relações sociais. O desenvolvimento da empatia, por exemplo, está intimamente ligado à capacidade de interpretar as sutilezas emocionais nas expressões linguísticas dos outros. Assim, o ambiente social e cultural no qual os pequenos estão inseridos não apenas molda sua expressão linguística, mas também a forma como ela percebe e relata.

Além das palavras propriamente ditas, a linguagem não verbal também desempenha um papel fundamental nas interações sociais e na expressão da afetividade. Gestos, expressões faciais e a própria postura corporal comunicam emoções e sentimentos que, muitas vezes, complementam ou substituem a comunicação verbal. Essas formas de linguagem são especialmente importantes nas interações afetivas, pois muitas vezes os sentimentos mais profundos são transmitidos através de sorrisos, olhares ou toques, sem a necessidade de palavras. Essas expressões são absorvidas pela criança em suas interações iniciais e continuam a

ser parte integral de suas comunicações afetivas ao longo da vida.

DESENVOLVIMENTO

Os ambientes, familiar e escolar como favorecedores das competências intelectuais

O ambiente familiar é um dos primeiros contextos de socialização e desenvolvimento para a criança, e é nele que se dão as primeiras relações afetivas significativas. A efetivação dessas relações afeta diretamente a construção da cognição e do intelecto infantil.

Os pais ou responsáveis são os primeiros mediadores entre a nova geração e o mundo. Eles oferecem os primeiros estímulos intelectuais, como o uso da linguagem, brincadeiras e o avanço de rotinas que desafiam os pequenos a pensar e aprender.

Wallon (2007) e outros teóricos sugerem que o afeto é um facilitador essencial nesse processo. Durante a infância esses pequenos aprendizes, ao se sentirem seguros e amados tendem a ser mais receptivos, a explorar o ambiente e se engajarem em atividades que promovam o desenvolvimento cognitivo.

Um ambiente afetivo estimulante equilibra o afeto com estímulos intelectuais (conversas, leitura, música, jogos) é crucial para fortalecer os processos mentais desde atenra infância. Pesquisas no campo da neurociência indicam que, em um contexto familiar onde há apoio emocional, os infantes desenvolvem melhor suas capacidades de linguagem, memória, pensamento lógico e habilidades de resolução de problemas. Esse ambiente afetivo funciona como uma base segura, onde a criança se sente encorajada a experimentar, questionar e aprender.

Por meio do Plano Nacional de Educação (2002), pode ser informado:

As primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, de cooperação, solidariedade, responsabilidade. (p. 13)

Em contrapartida, um ambiente familiar onde predominam o estresse e a ausência de vínculos afetivos estáveis pode prejudicar o desenvolvimento intelectual. Os estudos no campo da neurociência também mostram que a exposição a altos níveis de estresse emocional na infância afeta os processos gradativos do cérebro, especialmente em áreas relacionadas à memória, concentração e aprendizagem.

O suporte emocional familiar, é crucial para que aqueles em processo de formação desenvolvam resiliência e tenham uma base afetiva sólida que favoreça o seu progresso mental.

Relevante destacar a importância da participação dos pais ou responsáveis no processo educativo formal. Quando a família se envolve ativamente no acompanhamento escolar e em atividades que estimulem o pensamento crítico (como a leitura e o diálogo), a criança adquire confiança, o que potencializa seu lado racional. Relações afetuosas saudáveis promovem a motivação para o aprendizado e a superação de situações complexas.

Desse modo, a introdução dos aprendizes no ambiente escolar deve ser pensada e preparada, pois trata-se de uma etapa potencializadora na vida de meninos e meninas na entrada da Educação Infantil.

A relação entre afeto e cognição no contexto escolar para o autor Henri Wallon (2007), estão intimamente interligados, e no ambiente escolar essa relação é amplificada. As emoções que surgem na rotina de professores e colegas afetam diretamente a forma como o público infantil se envolve no aprendizado. Um ambiente escolar positivo, que valoriza o respeito e a inclusão, tende a estimular os pequenos, levando a um ponto mais robusto.

A escola, consequentemente, não é apenas um local de transmissão de conhecimento, mas também um espaço onde as trocas afetivas e sociais são fundamentais para o crescimento intelectual. As experiências emocionais vividas nesse ambiente moldam a forma como os indivíduos em fase de crescimento entendem o mundo e organizam suas aptidões e habilidades, reafirmando a ideia do autor de que é sempre uma construção integrada entre afetividade e cognição.

Como Mello e Rubio (2013) apontam:

As interações em sala de aula são construídas por um conjunto de variadas formas de atuação, que se estabelecem entre partes envolvidas, a mediação do professor em sala de aula, seu trabalho pedagógico, sua relação com os alunos, tudo faz parte desse papel. A afetividade não se limita a carinho físico, muitas vezes se dá em forma de elogios superficiais, ouvir o aluno, dar importância às suas ideias. É importante destacar essa forma de afetividade, pois às vezes nem percebemos que pequenos gestos e palavras são maneiras de comunicação afetiva. (p. 6)

Outro ponto de destaque é a aprendizagem cooperativa, uma abordagem muito utilizada em ambientes escolares. As propostas nas escolas da infância versam em atividades de cooperação, como trabalhos em grupo, fundamentais para o intelectual. Exigem que a criança escute o outro, negocie e busque soluções em conjunto.
Essas habilidades sociais não só fortalecem o desenvolvimento dos processos mentais como também as preparam para lidarem com situações complexas, tanto no âmbito racional quanto emocional.
Para Henri Wallon (2007), as relações com o "outro" são centrais para o crescimento intelectual, e a escola se torna o espaço onde essas trocas se intensificam. Nesse ambiente, as crianças passam a interagir não apenas com os adultos (professores e cuidadores), mas também com seus colegas, o que é crucial para a mediação entre o mundo interno e o mundo externo, promovendo o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas.
No contexto escolar, os professores desempenham o papel de mediadores entre a criança e o conhecimento. Eles não apenas ensinam conteúdos acadêmicos, mas também oferecem suporte emocional e social. Ao criarem um ambiente seguro e afetuoso, os professores permitem aos estudantes se sentirem à vontade para explorar, questionar e aprender. Esse suporte afetivo é essencial, pois favorece para se sentirem mais confiantes para enfrentar desafios intelectuais e desenvolverem suas capacidades de raciocínio.
Um pequeno trecho, mas que faz todo a diferença, é abordado por Augusto Cury (2003): "Ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão a diferença no mundo" (p. 42).

As interações sociais como abordagem linguística
As interações sociais são fatores centrais para o desenvolvimento das capacidades cognitivas para aqueles em processo de formação. Ao interagir com outros pequenos e adultos, são continuamente estimulados, buscando solucionar problemas, compreender diferentes pontos de vista e aprimorar competências fundamentais para a convivência em sociedade.
O brincar torna-se a linguagem infantil para representar o mundo a sua volta, a forma como compreende e se relaciona com o aprendizado construído. O colaborativo e a construção do pensamento, uma das formas mais importantes de interação social na infância.
Durante as atividades colaborativas, a criança aprende a compartilhar, negociar e lidar com frustrações, o que estimula suas habilidades, como a tomada de decisões. Brincadeiras que envolvem imaginação, como o faz de conta, também são ricas para o avanço intelectual, pois ajudam os que estão no início de sua formação a compreender o ambiente ao qual estão inseridos e a experimentar diferentes papéis e situações, favorecendo o pensamento abstrato.
Conversas e discussões em grupo ensinam novas palavras, conceitos e formas de expressão. Essa troca constante amplia o vocabulário e avança com as suas capacidades linguísticas, o que está intimamente ligado ao crescimento mental.
Wallon (1986), com sua ênfase na função social das emoções, sugere que os convívios afetivos, além de promoverem a socialização, são fundamentais para a construção do pensamento e da linguagem.
Sendo destacado por Wallon (1986):
A coesão de reações, atitudes e sentimentos, que as emoções são
capazes de realizar em um grupo, explica o papel que elas devem ter desempenhado nos primeiros tempos das sociedades humanas: ainda hoje são as emoções que criam

um público, que animam uma multidão, por uma espécie de consentimento geral que escapa ao controle de cada um. Elas suscitam arrebatamentos coletivos capazes de escandalizar, por vezes, a razão individual. (p. 146)

As formas de comunicação não verbal são linguagens importantes e muito mais utilizadas no mundo infantil, pois são essenciais para a construção dos primeiros vínculos afetivos e contribuem significativamente no desenvolvimento social e emocional da criança. Além disso, o domínio da leitura, da interpretação e da comunicação não verbal está intimamente ligado ao desenvolvimento da inteligência emocional.

Ao aprender a reconhecer gestos, expressões faciais e outras formas de comunicação não verbal, as crianças começam a compreender melhor as emoções dos outros e a ajustar seu próprio comportamento em resposta. Essa habilidade é fundamental para o desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis, tanto na infância quanto na vida adulta.

A linguagem por meio do contato visual, começa desde os primeiros meses de vida, o olhar estabelece uma conexão emocional poderosa entre a criança e os adultos que a cercam. Quando o bebê faz contato visual com seus pais ou cuidadores, ele busca a validação de sua presença e, ao mesmo tempo, se sente reconhecido e seguro. Para ele, esse olhar direto é um sinal de atenção e cuidado, essencial para a formação de sua confiança e autoestima.

Desta maneira, o contato visual é a forma primária de interação social que contribui para o desenvolvimento da empatia, já que a criança aprende a ler as expressões faciais dos outros e a identificar emoções como alegria, tristeza, medo ou raiva.

As expressões faciais também desempenham um papel fundamental na comunicação, sorrisos, caretas e expressões de surpresa ou desapontamento ajudam os pequenos a entenderem o estado emocional dos outros e a reagir de acordo.

O sorriso, por exemplo, é um dos primeiros gestos que o bebê reconhece como uma manifestação de afeto e segurança. Quando um adulto sorri para uma criança, esse gesto não apenas transmite aprovação ou felicidade, mas também reforça o vínculo emocional, criando um ambiente de aceitação e conforto.

Outro aspecto crucial da linguagem não verbal na construção de relações afetivas é o toque físico. O toque é uma das formas mais imediatas e poderosas de comunicação entre a criança e o adulto. O contato, como segurar a criança no colo, acariciar, abraçar ou dar a mão, proporciona uma sensação de proteção e carinho, essencial para o desenvolvimento emocional saudável. Através dele, ela sente-se amparada, o que lhe permite explorar o mundo com mais segurança e autonomia.

Além do toque e das expressões faciais, gestos e posturas corporais também desempenham um papel relevante na comunicação afetiva. Os pequeninos, que ainda não dominam a linguagem verbal, utilizam gestos para expressar suas necessidades e emoções. Apontar, levantar os braços para pedir colo, balançar a cabeça em negação ou estender a mão para segurar um objeto são formas de comunicação não verbal que ajudam os adultos a entenderem o que a criança deseja ou como ela se sente.

A postura corporal dos adultos ao interagir com elas envia sinais importantes. Agachar-se para ficar na altura da criança, por exemplo, demonstra atenção e respeito, criando um ambiente afetivo acolhedor, onde ela se sente valorizada.

Outro elemento fundamental da comunicação não verbal seria o tom de voz. Mesmo que o conteúdo das palavras não seja compreendido, a entonação transmite sentimentos de tranquilidade, urgência, carinho ou reprovação.

Um tom de voz suave e reconfortante, por exemplo, é frequentemente utilizado por pais e cuidadores para acalmar uma criança, transmitindo uma sensação de segurança. Já um tom de voz mais enérgico pode ser usado para alertar a criança sobre um perigo iminente, comunicando a urgência da situação. Assim, a maneira como algo é dito muitas vezes tem um impacto emocional maior do que as palavras em si, especialmente quando se trata de crianças que estão em proces-

so de adquirir habilidades linguísticas.
Outro aspecto relevante é a comunicação não verbal no contexto da inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista (TEA), por exemplo, onde teem dificuldades em interpretar expressões faciais e gestos espontaneamente. No entanto, quando os educadores utilizam gestos intencionais e estruturam a comunicação de maneira visual (como por meio de cartões de pictogramas ou gestos combinados), a interação se torna mais acessível e compreensível.
Diante desse desafio, o uso de cartões de pictogramas, amplamente adotado em metodologias como o Picture Exchange Communication System (PECS) - Sistema de Comunicação por Troca de Figuras, auxilia na construção de um repertório comunicativo ao associar imagens a palavras e ações, permitindo que a criança expresse necessidades e compreenda comandos com mais clareza. No ambiente escolar, professores que utilizam esses recursos observam um aumento significativo no engajamento e na autonomia dos alunos autistas, uma vez que a previsibilidade da comunicação reduz a ansiedade diante de interações complexas. Além disso, gestos combinados, como acenar para indicar despedida ou apontar para reforçar instruções, funcionam como suporte visual para a compreensão.
Outro grupo para o qual a comunicação não verbal assume papel crucial é o das crianças surdas, especialmente aquelas que utilizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como principal meio de comunicação. Relatos de pais e educadores evidenciam que a introdução da Libras no ambiente familiar e escolar não apenas facilita o desenvolvimento linguístico da criança, mas também fortalece seus vínculos emocionais e sociais. Quando a Libras não é devidamente incorporada, as crianças surdas podem experimentar um isolamento comunicativo, o que compromete seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional. No entanto, em contextos em que a Libras é valorizada, observa-se um aumento na interação com colegas e professores, promovendo uma inclusão mais efetiva.
Um exemplo concreto dessa transformação ocorre em escolas que adotam práticas bilíngues, onde tanto Libras quanto a Língua Portuguesa são utilizadas como meios de comunicação. Professores que dominam a Libras conseguem estabelecer uma conexão direta com os alunos surdos, reduzindo barreiras e permitindo um aprendizado mais significativo. Além disso, o envolvimento de colegas ouvintes na aprendizagem da Libras favorece a construção de um ambiente mais inclusivo, onde a interação se torna natural e acessível a todos.
Portanto, a linguagem não verbal desempenha um papel crucial nas relações afetivas das crianças, servindo como a principal forma de comunicação durante os primeiros anos de vida e permanecendo relevante ao longo do desenvolvimento. As interações que envolvem contato visual, expressões faciais, gestos e toque físico constroem um alicerce sólido para que os infantis se sintam emocionalmente seguros, compreendidos e amados.
Seja por meio de gestos estruturados para crianças com TEA, da utilização de pictogramas como suporte visual ou da valorização da Libras como primeira língua dos surdos, o reconhecimento da diversidade comunicativa permite que cada criança desenvolva seu potencial de forma plena e significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As linguagens verbais e não verbais desempenham papéis interdependentes e complementares na construção das relações afetivas e sociais da criança, tanto no ambiente familiar quanto no escolar. Desde as primeiras relações sociais e afetivas, ocorre de maneira intuitiva, criando bases para o desenvolvimento das habilidades verbais, que progressivamente se tornam a principal forma de comunicação à medida que a criança cresce.

No ambiente familiar, a comunicação não verbal é a primeira ponte de conexão entre pais e filhos. À medida que se desenvolve, a linguagem verbal passa a desempenhar um papel mais proeminente, mas continua sendo profundamente influenciada pelos elementos não verbais. As interações diárias no seio familiar, como conversas à mesa ou brincadeiras, envolvem uma rica troca de

sinais não verbais, como sorrisos, olhares de aprovação ou abraços, que reforçam o conteúdo verbal e consolidam os vínculos. Assim, se tornando associado a gestos e expressões, permitindo comunicar suas necessidades e sentimentos mais complexos de forma mais leve, ao mesmo tempo em que fortalece suas relações interpessoais.

No contexto escolar, essa inter-relação entre as linguagens verbal e não verbal se manifesta de maneira igualmente significativa. O professor, ao se comunicar com os alunos, não apenas promove situações de aprendizagem, mas também constrói um ambiente acolhedor por meio de sua postura, tom de voz e expressões faciais. Um sorriso encorajador ou um gesto de apoio pode ter um impacto tão poderoso quanto palavras de incentivo, criando um espaço de confiança onde a criança se sente à vontade para participar, explorar e aprender.

Da mesma forma, as interações entre os colegas também são marcadas por essa combinação de linguagem verbal e não verbal. As crianças utilizam gestos, olhares e expressões para complementar suas falas, especialmente nas brincadeiras e nas colaborações em grupo, onde o entendimento mútuo é construído através de sinais afetivos e expressivos.

O paralelo entre os ambientes familiar e escolar mostra que, em ambos os contextos, a eficácia da comunicação e a construção de laços afetivos dependem de uma integração harmoniosa entre as linguagens. Na família, os pais utilizam essas duas formas de linguagem para educar, orientar e amar seus filhos, enquanto, na escola, os professores e os colegas de classe contribuem para o desenvolvimento social e emocional da criança. Essa complementaridade é fundamental para a criação de um ambiente de aprendizado e convivência que favorece o crescimento integral da criança, tanto no que diz respeito às suas habilidades cognitivas quanto à sua capacidade de se relacionar com os outros de maneira saudável e empática.

Conclui-se que essas interações afetuosas fortalecem a autoestima e a autoconfiança da criança, preparando-a para enfrentar o mundo externo com maior resiliência emocional. No ambiente escolar, a integração entre as linguagens verbais e não verbais permite que professores e alunos construam uma dinâmica de ensino-aprendizagem mais significativa e empática. A linguagem não verbal, como um gesto de incentivo ou uma expressão de compreensão, pode criar um espaço mais acolhedor e favorável ao aprendizado, onde a criança se sente respeitada e motivada a participar.

Assim, essas duas formas de comunicação, quando usadas de maneira complementar e consciente, desempenham um papel fundamental na formação integral da criança, não apenas em termos de habilidades cognitivas, mas também em sua capacidade de construir relações sociais saudáveis e de desenvolver uma compreensão mais profunda das emoções próprias e alheias. Isso evidencia que a comunicação afetiva e expressiva, tanto dentro de casa quanto na escola, é essencial para que a criança se desenvolva como um ser humano pleno, capaz de interagir de maneira eficaz e empática em diferentes contextos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTE, Valéria Amorim. Afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Plano Nacional de Educação. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Brasília: MEC/SEB. 2010.

CURY, Augusto Jorge. Pais Brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DE AMORIM, Márcia Camila Souza; NAVARRO, Elaine Cristina. Afetividade na educação infantil. Revista Eletrônica Interdisciplinar, v. 1, n. 7, 2012.

MELLO, Tágides; RUBIO, J. D. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013.

PIAGET, Jean. A construção do real na criança. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
VIGOTSKY, Levi. A formação social da mente. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
WALLOW, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
WALLOW, Henri. As origens do pensamento na criança. São Paulo: Manole, 1986.